

Sm. Edgar Franco

# O COLIBRI

Orgam litterario, critico e noticioso

PUBLICAÇÃO SEMANAL

COLLABORADORES DIVERSOS

Anno I

Araxá, 13 de Março de 1919.

Numero 2

O Colibri circula semanalmente ás quinta-feiras.

ASSIGNATURAS :

Trimestre . . . . . 2\$000

REDACTORES :

RAUL MOREIRA e FRANCISCO VAZ DE MELLO

## Club litterario

Sendo a nossa cidade, uma das mais futuras e magestosas do triangulo, possuidora como é de fina elite, recente já a criação de um club litterario e dansante.

Cremos que fundando-se aqui um club dirigido por uma Directoria distincta, onde se reúne tudo o que Araxá possui de chic e bello, em breve teremos ahí uoitadas de alegria e satisfação e então será para a nossa mocidade uma nova vida.

Ahí lançando a nossa idea, pensamos não deixará ella de ser aceita, promptificando nós, nas pequenas columnas d'«O Colibri», fazer o que tiver em nosso alcance.

«ABRA OS OLHOS»

Com este titulo daremos uma magnifica comedia no proximo n. deste jornal.



## Perfil

Tenho, pois recordação,  
Era menina catita.  
Mas hoje! que perfeição!  
Que galante senhorita.

Seus cabellos anelados  
E seus olhos quando fitam!  
São dois brilhantes cravados  
Que no céu azul crepitam

Têm a bocca mui pequena,  
Cheirosa qual açucena,  
Têm muiguice no pisar.

Uma *poupée* na belleza!  
Do Lava-pés à princeza,  
Seu nome, não posso dar.

NHONHO-ZINHO.

De regresso de S. Paulo,  
acha-se entre nós a exma.  
sra. d. Theodora de Pinho,  
distincta proprietaria da  
excellente e acreditada  
pensão de N. S. da Apparecida,  
desta cidade.

Estou mui desconfiado,  
Que agora, a paixão,  
Bem de vagarinho,  
Entrou no meu coração!

Nelson.

O Lorico e o Zé Botelho  
Andam muitos enamorados,  
Por cauza de duas bellas  
Ficaram, domingo, apaixonados.

Zurita.

## Charadas novissimas

1a.—Na casaca do homem vive occulto-2-2.

2a.—Na these ora esta mulher-1-2.

3a.—O homem tem elle em francez na America do Sul-1-1.

4a.—Uma mulher é mi-lher 2-1-2.

5a.—O homem e a mulher moram na beiramar-1-2.

Yaya-sinha

E' muito admiravel!  
Nós temos e Deus não tem.  
Si no Brasil existe  
Da Africa elle vem-1-1.

E' do homem nome proprio  
Sobrenome de Senhora,  
Signalzinho pequenino  
Que bem perto do sol mora-  
2-1

Na musica e na musica  
todos o tem na vida-1-1.

Este animal corre no  
mar-2-2.

Ovo pôdre de cachorro  
é seu almoço-2-2

E' de Christo a imagem  
viva, passarinho e nada  
mais 2-2.

Panpego.

**BISBILHOTICES...**

Calcullem os amaveis leitores as difficuldades e gastos que eu soffri para trazer na cidade a Catharina e os barrigudinhos pancracios para assistirmos os «ribombeticos e atordoadores» festejos ao deus Momo!

Uma lucta sem treguas desenvolveu-se na fazenda e uma «lufa-lufa» damnada de um mez antes, em que a Catharina preparou passôca num sacco de estoupa, queijos e rapaduras n'outros, frangos, perús e leitôas assadas; era biscoutos p'raqui, brôas p'ra acolá, o bahú grande, cheio de pés de molêques, bôlos de mandioca, de fubá de moinho e de cangica, cuscús, um jacá cheio de aboboras, morangas, pepinos e... «o diabo á quatro!» Trancafeiei tudo dentro do carro, a Catharina e os pancraciozinhos tambem e, debaixo de forte aguaceiro, tóca ao caminho da cidade!

Mas, chegando aqui, carnavalesco mesmo, qual, nada! Apenas no ultimo dia atiraram alhures os taes papéis redondinhos e amarelinhos e, moços e moças, com uns canudos de vidro, molharam o vestido de sêda preta e de vidrilhos branco da Catharina e a minha fatiota domingueira, amarrando o meu alto collarinho de missa, respingando minha botina branca de buffalo!

Viagem perdida, gastos inuteis, bois cançados e a Catharina constipada!

«Êta dos infernos! Tou aqui, tou lá em casa!»

Lá, sim!... Outros gallos me cantam!

Pés descalços, mangas arregaçadas, deixando ver nus os meus truncudos braços e impunhando elles uma afinada viola, sentado na rêde da varanda, juntinho da Catharina, a esguincharmos um duetto machucado. É que a coisa é boa, melhor do que os taes papelinhos amollativos com que a rapaziada «foliante» desta cidade festejou o carnaval deste anno!

«Êta dos infernos! Tou aqui, tou lá em casa!»

Camiinha boi amarello, pucha mascarado! Vamos! Eia!... Vamos! Pucha maia-do! Eia!...

«Tou aqui, tou lá em casa!» Adeus tudo, adeus minha gente! Desejo-lhes na quaresma muitos peixes e... muitas indigestões de balcão!...

**PANCRACIO.**

Se a mulher espirrasse,  
Toda vez que nos illude,  
Seria o mundo occupado  
Só em dizer "Deus te ajude!"

**Padre nosso  
dos caixeiros**

Patrão nosso que estaes na loja, santificado seja o dia do nosso pagamento; venha nós o vosso dinheiro, com o qual satisfazemos os nossos prazeres de todas as metades dos domingos, o que poderia ser o dia inteiro. O pão nosso de cada dia, nos dae sempre e perdoae as nossas faltas, assim como nós perdoamos as vossas descomposturas e as amollações dos freguezes; não nos atirae no olho da rua, evitando-nos da pin-dahyba aguda, assim seja.

**Pastel**

Eis a solução do n. passado, que nos enviou o sr. Japetides :

O nosso bom amiguinho,  
O Senhor Raul Moreira,  
Não chegou! foi tão pouquinho,  
Sen pastel de quinta-feira.

Eu não sei de que foi feito,  
De peixe, porco ou gallinha?  
O certo passei no peito  
Pois, nem osso, nem espinha.

**JAPETIDES.**

Nem de peixe, nem de porco,  
E sim de "carne humana";  
Agora damos-lhe este,  
P'ra o resto da semana :

**MEDONÃO MATA  
SHELIGS**

E' um dos mais sympathicos jovens da nossa elite.

Transferiu sua residencia para a fazenda dos Barros o nosso amigo sr. Fulgencio Cezar Junior, habil cirurgião dentista.

Dizem os jornaes fluminenses que no Rio de Janeiro foram gastos com os festejos carnavalescos deste anno 30:000:000\$000!

Pois aqui no Araxá  
"Ficaram todos tontos",  
"Dos enormes gastos feitos",  
De "sem mil contos!"

**QUADRINHAS**

Ao Lorico :

Ando triste e embaraçado,  
Não sei o que de fazer;  
Esquecel-a... é impossivel,  
Amal-a... não pode ser.

Ao Ignacinho :

Miudinha, redondinha  
Do tamanho de um botão;  
Tu bem cabes miudinha,  
Dentro do meu coração.

Trovatore.

**PYRAMIDAL**

**DIALOGO ENTRE DOUS ARTISTAS**

João de Barro e Alem mar, encontraram-se em uma bella manhã fria, dos primeiros dias do proximo passado inez.

Parecia-me pelas horas, que seguiam para o thear da vida operaria.

João de Barro envergava ao hombro uma capa parda, para occultar-se do frio humido que fazia; seu andar cadencioso. Repentinamente parou, como se houvesse encontrado na rua uma serpente ou esquecido alguma cousa.

Levantou a cabeça cruzou os braços e contemplou por alguns minutos, a fachada principal do novo predio como que, carregado de culpa estivesse supplicando a sua deusa Pallas clemencia. Uma mão trabalhadora e grande, pesou-lhe ao hombro!

Volveu a cabeça, era seu amigo Alem mar, que o saudava.

—Bom dia meu bom amigo? Respondeu João de Barro, calmamente... bom dia.

—Então, onde estaes actualmente trabalhando?

—Estou parado, tenho sentido-me mal, todos acham-me muito pallido e creio até ser oppilado; irei agora mesmo aos medicos das caixinhas, fazer uma consulta.

—Pallido, fazer consulta!? qual meu amigo, todo João de Barro é mesmo amarello, você não sente nada, qua, qua, qua, qual... Larga disso meu João de Barro.

—Olha! diz-me uma cousa? O que voce achou de extraordinario, que tanto tempo levou parado aqui, olhando para cima em frente aquella casa?

E' verdade..., disse João de Barros rindo-se sardonicamente e mostrando-o ao mesmo tempo, a causa voluntaria de seu grande basbaque.

—Meu amigo, tens boa optica?

—Tenho como não!

—Pois bem!... estaes vendo aquella pyramide esquerda da platibanda, deslocada do eixo da columna, que não corresponde a sua base com as duas verticaes paralelas do corpo da mesma columna?

—Sim!... estou vendo com effeito...

—Como diabo foi aquillo?

Vou contar meu amigo. Ouça-me:

Conduzidos pelo activo cheiro do conteúdo das latinhas, passou esta manhã uma nuvem de bisourinhos e um d'elles cego pela anciedade... (creio eu) não persebeu que em sua frente houvesse tal empecilho, enterrou o chifre com toda força, deu-se então o deslocamento que tanto admiramos!... não foi outra cousa?...

Não acha, meu amigo Alem-mar?

Houve um pequeno silencio... Elles se comprehenderam.

X. de Além mar, austuto como são quase todos daquela terra combustivel, que desastrosamente deu eterno repouso ao nosso nunca esquecido Silva Jardim, rompeu com o silencio fallando neste diapazão: Meu caro amigo João de Barro, vejo-me obrigado a dizer que o sr. não tem a minima competencia, não conhece de construcção nem architectura pata-vina, não pode portanto, nem está na altura de criticar de meu serviço com intenções de supplantar-me perante a arte e meus bons amigos, filhos d'esta terrinha santa, que corre leite e mel.

João de Barro applaudio. Muito bem! muito bem! Provou exuberantemente a sua sapiencia.

Sinto não ter a mesma eloquencia, porem em poucas palavras embora simples digo: Não tive escola, não sei officio, muito a arte uma cousa tão encrencada. As casas que tenho construido, pouco ou nenhum trabalho deram-me, não

gastei sciencia nem appliquei instrumentos.

Não executo as mediante plantas, foço as sim! nas plantas, quero dizer, nos galhos, das grandes plantas. Portanto estou longe e bem de ser criticado.

Está ouvindo o meu bom amigo?

X de Além mar ainda vermelho como lacre observou:

Não entendi e mesmo não desejo mais ouvil'ol... São horas de dar entrada aos meus operarios.

Era um pouco tarde, já havia algum reboliço na cidade, o povo começava cortar as ruas. X de Além mar dirigiu-se seccamente para seu amigo e despediu-se até logo?

Até logo.

João de Barro não obstante o facto, seguiu pallido e calmo n'um caminho divergente em direcção aos medicos.

**Na pensão**

—Soffrer!... como eu tenho soffrido! Sem ter consolação!...

Curty.

—E durma-se com uma cantiga dessa, "néo" (1) Victor?

Sebastião.

O que me "bale" é "dormir" agora cá p'ra os "vaixos" do "sovrado".

Germano.

—E eu no meu gabinete de tirar e pôr dentes.

Major Benedicto.

*Eu fala p'ra oçê qui não é teu pae e teu mai, p'ra sustenta vagabundo!*

Salim.

.....  
Scena familiar em um jardim:

Alvaro, vê, as rosas, já têm botões...

Elle suspirando:

—E' verdade... são mais felizes que as minhas camizas...

O COLIBRI

# Café Santa Gallo



Propriedade de



## Osias Netto de Siqueira



Tendo o proprietario desta casa contractado um habil cozinheiro, acha-se habilitada a fornecer *jantares, ceias e beffes* a qualquer hora do dia ou da noite.

*Grande variedade em doces, quitandas, molhados nacionaes e estrangeiro e cigarros de diversas marcas.*

*Incumbe-se de preparar doces, sequilhos etc., e quitandas para casamentos, baptisados e soirées.*

*Chocolate, leite, café, chá, a qualquer hora do dia e da noite*

*Asseio sem rival*



*Preços modicos*

*Todos, pois, ao Café Santa Gallo*

Rua das Flores Teleph. 85 (Casa Zaramba)

### ARAXA'



### MINAS